

A LENDA DO NEGRINHO DO PASTOREIO

Tive a oportunidade, e a felicidade, de por quatro anos morar em Porto Alegre. Nesse período, além do trabalho que foi o motivo de minha ida, aproveitei para conhecer o que pude do incrível Estado que é o Rio Grande do Sul. Pela sua beleza natural, pela mescla do toque europeu com a raça do índio gaúcho, por sua gente amável e seu sotaque inconfundível, comida boa, enfim, quem conhece sabe do que estou me referindo.

O gosto pela música me facilitou a aproximação, e logo estava eu metido em rodas de chimarrão embaladas pelas lindas canções folclóricas do lugar. Aliás, folclore (e preservação do folclore) é o que não falta entre eles. A riqueza dos detalhes, a beleza das composições, e as mensagens que tiramos formam um verdadeiro tesouro, que nos faz entender o motivo que têm em manter a tradição, valorizar sua origem.

As lendas são produtos da imaginação, e misturam o real com a ficção, deixando na maioria das vezes lições, exemplos, mensagens e até manias que varam os tempos sem preconceitos nem contestações. E o Rio Grande do Sul inteiro preserva uma das lendas mais bonitas do folclore gaúcho – e brasileiro – que é a Lenda do Negrinho do Pastoreio.

Dizem os livros que o “Negrinho do Pastoreio” já era contada no final do século XIX, por brasileiros que defendiam o fim da escravidão. João Simões Lopes Neto (Pelotas/RS, 1865/1916) era empresário, mas também escritor. Segundo os críticos de literatura, foi o maior autor regionalista do Rio Grande do Sul, tendo, no entanto, alcançado sua glória literária apenas depois de sua morte. É dele a versão mais conhecida, e mais admirada, da lenda do “Negrinho do Pastoreio”, e que segue abaixo.

Era um menino negro, pequeno, escravo de um estancieiro muito mau. Não tinha nome, nem padrinhos; era conhecido apenas por “negrinho”. Aliás, ele mesmo se dizia ser afilhado da Virgem Maria.

Certa vez, o patrão colocou-o para disputar uma corrida de cavalos com o filho de um rival seu. Tendo sido derrotado, foi cruelmente punido pelo estancieiro que lhe aplicou uma surra como nunca ninguém tinha levado. Cansado e ferido, caiu no sono e acabou por perder o pastoreio (os cavalos para os quais lhe era incumbida a responsabilidade de tomar conta). Novamente foi castigado, porém, desta vez encontrou o pastoreio. Pois, caiu no sono novamente e o perdeu pela segunda vez. Agora, além da surra, o patrão o jogou num formigueiro, para que fosse comido pelas formigas. E foi embora assim que elas cobriram seu corpo.

Passaram três dias, e o estancieiro voltou até o formigueiro para ver o estado de sua vítima. Tomou um grande susto, porque o menino estava lá, em pé e com a pele lisa, sem nenhuma marca das chicotadas que levou. Ao seu lado a Virgem Maria, e mais adiante o cavalo baio sobre o qual perdera a corrida, e todos os outros cavalos.

O homem se atirou ao chão, implorou perdão, mas o negrinho não respondeu.

Apenas beijou a mão da Santa, montou no cavalo baio, e partiu conduzindo a tropilha...

A lenda do Negrinho do Pastoreio está viva até os dias de hoje. Há quem, no Rio Grande, quando dá pela falta de alguma coisa – material ou não – ainda acenda uma velhinha e suplique ao Negrinho que a tenha de volta.

Luiz Carlos Barbosa Lessa (Piratini/RS, 1929 – Camaquã/RS, 2002), advogado, escritor, músico, folclorista, criou em 1957 a toada que é quase um hino do povo gaúcho.

Negrinho do Pastoreio,
Acendo esta vela pra ti
E peço que me devolvas
A querência que perdi.
Negrinho do pastoreio,
Traga a mim o meu rincão.

Eu te acendo esta velinha,
Nela esta meu coração.

Quero ver meu lindo pago
Coloreado de pitanga.
Quero ver a gauchinha
A brincar n'água da sanga.

Quero trotar pelas coxilhas,
Respirando a liberdade,
Que eu perdi naquele dia.
Que me embrenhei na cidade.

Negrinho do pastoreio,
Acendo esta vela pra ti
E peço que me devolvas
A querência que perdi.
Negrinho do pastoreio,
Traga a mim o meu rincão.
A velinha está queimando,
E aquecendo a tradição.



Marcelo Conti

Sócio da **SOLUÇÃO** Gestão de Negócios e Cultura Ltda.

www.solucao-gnc.com.br